

## NARRATIVAS E APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS DE CRIANÇAS DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL RURAL

### NARRATIVES AND LEARNING EXPERIENCES OF CHILDREN FROM A RURAL CHILDREN EDUCATION SCHOOL

### NARRATIVAS Y APRENDIZAJES EXPERIENCIALES DE NIÑOS DE UNA ESCUELA DE EDUCACIÓN INFANTIL RURAL

Patrícia Júlia Souza Coêlho<sup>1</sup>  
pjs.coelho@hotmail.com

Elizeu Clementino de Souza<sup>2</sup>  
esclementino@uol.com.br

## RESUMO

Este artigo aborda questões concernentes à pesquisa (auto)biográfica ao enfatizar, nas análises das narrativas de crianças de 0 a 6 anos, o processo de constituição de aprendizagens experienciais no contexto de uma escola pública rural de Educação Infantil. As análises das narrativas das crianças dialogaram com os princípios da Sociologia da Infância e da abordagem (auto)biográfica. Para a recolha das narrativas infantis, foram utilizados como dispositivos metodológicos rodas de conversa, desenhos infantis e diálogos narrativos com cada criança colaboradora da pesquisa. Busca-se, com as reflexões apresentadas, ampliar os debates sobre as diferentes infâncias e sobre as aprendizagens experienciais, considerando os sentidos que as crianças de localidades rurais atribuem às experiências vividas nos diferentes contextos em que a educação delas se materializa, especialmente, no contexto escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA; NARRATIVAS DE CRIANÇAS; APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS.

## ABSTRACT

This article addresses questions related to biographical research, emphasizing in the analysis of the narratives of children from 0 to 6 years, the process that constitutes the experiential learning in the context of a rural public school of early childhood Education. The analysis of children's narratives dialogues with the principles of Sociology of Childhood and the (auto) biographical approach. For the collection of children's narratives, were used as methodological devices: conversation group, children's

<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia

<sup>2</sup> Universidade do Estado da Bahia

drawings and narrative dialogues with each child participant of the research. With the reflections presented, we aim to broaden the debates about different childhoods and on experiential learning, considering the meanings that the children of rural areas attribute to the experiences lived in the different contexts in which their education materializes, especially in the school context.

**KEY WORDS:** (AUTO)BIOGRAPHICAL RESEARCH; CHILDREN NARRATIVES; EXPERIENCED LEARNING.

## RESUMEN

Este artículo aborda cuestiones concernientes a la investigación autobiográfica, al enfatizar, en los análisis de las narrativas de niños de 0 a 6 años, el proceso de constitución de aprendizajes experienciais en el contexto de una escuela pública rural de Educación Infantil. Los análisis de las narrativas de los niños dialogaron con los principios de la Sociología de la Infancia y del enfoque autobiográfico. Para la recogida de las narrativas infantiles, se utilizaron como dispositivos metodológicos: ruedas de conversación, dibujos infantiles y diálogos narrativos con cada niño colaborador de la investigación. Se busca, con las reflexiones presentadas, ampliar los debates sobre las diferentes infancias y sobre los aprendizajes experienciais, considerando los sentidos que los niños de localidades rurales atribuyen a las experiencias vividas en los diferentes contextos en que la educación de ellas se materializa, especialmente, en el contexto de la escuela.

**PALABRAS CLAVE:** INVESTIGACIÓN AUTOBIOGRÁFICA; NARRATIVAS DE NIÑOS; APRENDIZAJE EXPERIENCIAL.

## PARA COMEÇO DE CONVERSA

As discussões construídas no Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral, da Universidade do Estado da Bahia (GRAFHO/UNEB), têm investido em análise de questões sobre escolas rurais multisseriadas (SOUZA, 2014, 2016), especialmente no que se refere às condições de trabalho docente, às políticas educacionais para as populações rurais e às narrativas dos sujeitos das comunidades rurais sobre a escola, seus modos de vida e as formas como constroem processos de sociabilidades na vida cotidiana nos espaços rurais.

O presente texto tem como objetivo apresentar narrativas de crianças que vivem em localidades rurais, com a intencionalidade de socializar os modos como vivem suas infâncias e as aprendizagens experienciais construídas nos diferentes contextos educativos em que estão inseridas, especialmente a escola. As análises aqui empreendidas se centram nas narrativas produzidas no período de setembro a

dezembro de 2017, no que se refere às narrativas de crianças de Educação Infantil, de 4 a 6 anos, sobre a escola rural em que estudam, com ênfase nas aprendizagens experienciais vivenciadas no cotidiano da Escola Municipal José Carneiro de Oliveira, localizada no Território do Sisal – BA, considerando o seguinte problema investigativo: O que narram as crianças de Educação Infantil sobre a escola rural e sobre as suas aprendizagens experienciais vivenciadas no cotidiano dessa instituição educativa?

A temática proposta neste texto dialoga com princípios teóricos da Sociologia da Infância e da pesquisa (auto)biográfica, voltando-se para categorias analíticas relacionadas às infâncias, ao protagonismo infantil, à cultura da infância, às experiências, às narrativas infantis e às aprendizagens experienciais.

Em nossas reflexões foram considerados dois eixos analíticos, que nos possibilitaram discutir dimensões concernentes à Sociologia da Infância e à pesquisa (auto)biográfica, através de diálogos com narrativas das crianças sobre os modos como vivem suas infâncias e as aprendizagens experienciais constituídas por elas no cotidiano escolar. Para construção das narrativas das crianças, respaldadas nos princípios da abordagem (auto)biográfica, foram propostos rodas de conversa, desenhos infantis e diálogos narrativos com cada criança colaboradora da pesquisa. Passeggi et al. (2014, p. 86) explicam que, ao considerarmos o que pensam as crianças sobre a escola da infância, estamos considerando “[...] a alteridade da criança, legitimando-a como ser capaz de refletir ao narrar suas vivências e, por essa via, trazer informações importantes sobre as escolas da infância e sobre a criança-sujeito [...]”.

A expectativa é que as discussões suscitadas neste texto fomentem reflexões pertinentes sobre as diferentes infâncias e sobre as aprendizagens experienciais, referenciadas nas narrativas das crianças que vivem em localidades rurais do Território do Sisal, pautadas nos sentidos que elas atribuem às experiências vividas nos diferentes contextos em que a educação delas se materializa, especificamente na escola.

## PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA COM CRIANÇAS: ALGUNS APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A criança é um sujeito que se insere em uma determinada estrutura social, da qual ela não só é capaz de se apropriar, mas também de promover transformações necessárias pela ativa participação nas dinâmicas existentes em seu contexto sociocultural e pelas relações estabelecidas com os pares e os adultos que fazem parte da sua vida.

Nesse sentido, visibilizar as crianças nos processos educativos e nas pesquisas desenvolvidas que as envolvem configura-se como fundamental nesses movimentos investigativos e formativos, possibilitando-nos reconhecê-las como protagonistas, a fim de oportunizar a esses sujeitos a construção de sentidos às experiências vivenciadas nos diferentes contextos em que estão inseridas. Assim, a valorização das narrativas infantis se apresenta como um relevante dispositivo para compreender a infância, em sua diversidade, e para se pensar em uma educação que possa concretizar os direitos das crianças, estabelecidos legalmente por documentos oficiais destinados às crianças e à Educação Infantil.

Buscamos, assim, apresentar as narrativas de crianças que vivem em localidades rurais, tendo em vista apreender os modos como vivem suas infâncias e as aprendizagens experienciais vivenciadas nos diferentes contextos educativos em que estão inseridas: escola, família e comunidade. A opção pela pesquisa (auto)biográfica, envolvendo pesquisa com crianças, se justifica por considerarmos fertilidades e contribuições epistemológicas da pesquisa (auto)biográfica para ampliação dos estudos sobre as infâncias, respeitando e valorizando as histórias e as narrativas singulares das crianças. De acordo com Souza (2006), através dessa abordagem de investigação-formação, o sujeito é capaz de construir conhecimento sobre si, sobre o outro e sobre suas vivências cotidianas, permitindo a ele, nessa dinâmica, viver o papel de autor e ator da sua própria história, através das relações que estabelece entre a subjetividade e a narrativa.

Na abordagem (auto)biográfica, as narrativas infantis são relevantes nos processos formativos das crianças, na medida em que, através do ato de narrar, é possível a esses sujeitos sociais a reinvenção de si e a atribuição de sentido e significado às experiências vivenciadas cotidianamente, como explicam Rocha e Passeggi (2012, p. 15), ao afirmarem que:

[...] as narrativas são construídas com o intuito de dar sentido à experiência humana e de organizá-la, sendo uma de suas principais características o estabelecimento de relações entre o excepcional e o comum. Estão intimamente ligadas às experiências culturais de cada indivíduo, e suas significações variam de acordo com os sentidos atribuídos por cada cultura. (PASSEGGI, 2012, p.15)

As narrativas infantis nas pesquisas (auto)biográficas sobre/com a criança são algo emergente para que os direitos das crianças possam ser materializados, como também para possibilitar a consolidação da reinvenção da infância e da inserção da criança, de forma crítica, na sociedade a que pertence, considerando, no bojo desse processo, a capacidade reflexiva da criança. Para Passeggi (2014, p. 135):

[...] a reflexividade autobiográfica configura-se como um modo de inserção dos indivíduos na História, não apenas como espectadores do espetáculo da vida, mas também como autores e agentes dessa história. A intenção é mostrar que essa disposição humana para reflexão sobre as experiências vividas se manifesta desde tenra infância. As narrativas das crianças nos permitem sinalizar que a reflexão estaria na base do processo de constituição da criança enquanto sujeito da experiência. (PASSEGGI, 2014, p.135)

Nesse processo, é de suma importância reconhecer que as crianças são protagonistas na construção de seus conhecimentos e não objetos de práticas sociais, muitas vezes impostas em contextos educativos como família, comunidade e escola, sendo capazes não somente de apreender sua cultura, mas também de problematizar a realidade apresentada e produzir sua própria cultura.

A valorização da infância em si mesma demanda rever a visão homogeneizada sobre essa categoria social, como compreendê-la em seu tempo presente, considerando as especificidades das crianças. Nessa perspectiva, a concepção de infância e de criança respaldada na visão adulcentrada precisa ser resignificada, buscando estabelecer uma relação dialógica com as crianças nos processos de compreender seus modos de ser e estar no mundo e de educá-las. Nos processos de pesquisa com crianças e de Educação Infantil, a centralidade da cultura infantil assim como os desejos, os conhecimentos e as aptidões apresentados pelas crianças indicam possibilidades investigativas e formativas pertinentes para se pensar sobre as diferentes infâncias e as práticas educativas, considerando a perspectiva da própria criança.

Nessa visão de conceber as crianças, Borba (2008, p.80) explica que:

[...] as crianças não são meros aprendizes passivos da cultura à sua volta, mas sujeitos ativos que participam das rotinas culturais oferecidas/impostas no e pelo meio ambiente. Nesse sentido, elas se apropriam de seus elementos, reinterpretando-os e contribuindo ativamente para a produção cultural e para a transformação da sociedade em que se inserem. (BORBA, 2008, p.80)

Contudo, essa mesma autora explica que as culturas infantis precisam ser compreendidas de forma articulada às estruturas sociais a que pertencem as crianças, também se considerando, nessa dinâmica, as relações que elas estabelecem com as culturas adultas (BORBA, 2008). Nesse sentido, a participação dos grupos sociais, como a família, a comunidade e a família, assume um importante papel no processo de formação pessoal e social das crianças.

Nas pesquisas que envolvem crianças, podemos afirmar que a abordagem (auto)biográfica sobre os estudos da infância e da Educação Infantil representa dispositivo teórico-metodológico importante para colaborar com a construção da identidade pessoal e social da criança, entrelaçada com a sua história de vida. As

crianças, ao narrarem os acontecimentos vivenciados cotidianamente, entram, através da atividade de biografização, em um processo de reflexividade. Passeggi *et al.* (2014, p. 89) explicam que:

[...] pela reflexividade (auto)biográfica, a criança dota-se da possibilidade de se desdobrar como espectadora e como personagem do espetáculo narrado, como pensadora e como objeto pensado, enfim, como objeto de reflexão e como ser reflexivo. Essa relação dialógica entre o ser e a representação de si que se realiza pela reflexividade autobiográfica confere à criança, ao jovem, ao adulto um modo próprio de existência, pela probabilidade de voltar-se sobre si mesmo para explicitar o que sente, ou até mesmo perceber que fracassa nessa difícil tarefa de (re)elaborar a experiência vivida, com a ajuda da linguagem em suas mais diversas formas. (PASSEGGI *et al.*, 2014, p.89)

Diante da elucidação acima apresentada, podemos afirmar que as narrativas, na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica, contribuem no processo de compreender as concepções que as crianças têm de si mesmas, os sentidos que elas atribuem às experiências vivenciadas no âmbito sociocultural e como as práticas educativas propostas convergem com suas expectativas e desejos. De acordo com De Conti e Passeggi (2014, p. 152):

Podemos dizer que é exatamente quando se busca esse estudo sistemático da experiência pessoal e seu significado, ou seja, quando se pretende entender como os eventos têm sido construídos pelos sujeitos ativos é que a investigação narrativa é apropriada. Isso implica dizer que, através da narrativa, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador. A modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida naquele momento para o pesquisador (DE CONTI; PASSEGGI, 2014, p.152 – grifo das autoras)

A concepção de que as crianças têm muito a falar sobre si mesmas e sobre suas experiências se interliga com a ideia de que, pelas narrativas infantis, é possível compreender a infância, considerando as reflexões que as crianças fomentam. Nesse sentido, Passeggi *et al.* (2014, p. 87) explicam que:

[...] que a infância desestabiliza “a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em si que abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento”. [...] considerar as narrativas de crianças como objeto de estudo, retomamos uma tradição de pesquisa iniciada por Bruner, no âmbito da Psicologia Cultural, que nos revela as potencialidades heurísticas da reflexão das próprias crianças sobre elas mesmas, o que faz dessas narrativas o material mais adequado para compreender a infância. (PASSEGGI *et al.*, 2014, p. 87)

Ao nos propormos a ouvir as narrativas de crianças que vivem suas infâncias em localidades rurais e que estudam em uma escola pública rural de Educação Infantil, lotada no povoado de Água Boa, no município de Serrinha – BA, tivemos

como intenção investigativa compreender a concepção que elas têm das infâncias vividas em seu contexto sociocultural e a representação que elas têm de escola, considerando, nessa análise, as aprendizagens experienciais vivenciadas no contexto escolar.

As narrativas das crianças nas pesquisas implicam deslocamentos, mudanças de atitude por parte dos adultos pesquisadores, concernentes à concepção de infâncias e de crianças. Passeggi (2014, p. 137), nesse sentido, apresenta a seguinte explicação:

Admitir que as crianças são capazes de refletir sobre próprias experiências e legitimar suas reflexões como fonte de pesquisa representam, pelo menos, duas grandes rupturas no campo científico. A primeira concerne à representação tradicional da criança, definida pelo que lhe falta, portanto, sem experiências e cujos testemunhos não são dignos de fé. A segunda decorre da primeira, a validade de sua palavra, como fonte para a pesquisa educacional. De modo que, se por um lado é custoso admitir que a criança tenha experiência desde tenra idade, por outro lado, é mais improvável validar sua reflexão sobre elas. (PASSEGGI, 2014, p. 137),

O reconhecimento das narrativas das crianças nas pesquisas se configura, então, como um novo paradigma para os estudos sobre infâncias, crianças e Educação Infantil. Borba (2008, p. 78), nesse sentido, assevera que estudos sobre as culturas infantis, vinculados ao campo da Sociologia e Antropologia, “têm contribuído significativamente para revelar que as crianças, por meio de relações com seus pares e com os adultos, constroem, estruturam e sistematizam formas próprias de representação, interpretação e de ação sobre o mundo”.

Para tanto, é necessário visibilizar as narrativas infantis nas pesquisas e nas práticas educativas na Educação Infantil, a fim de se compreender a cultura da criança, através de uma escuta sensível das interpretações que elas têm sobre si e sobre o contexto sociocultural em que estão inseridas, reconhecendo-as, nessa dinâmica, como sujeitos capazes de atribuir sentidos às experiências vividas e de transformar a realidade para elas apresentada.

## APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS: NARRATIVAS DE CRIANÇAS DE UMA ESCOLA RURAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

As reflexões, ora suscitadas neste texto, resultam de análises preliminares das narrativas infantis, que foram recolhidas nos encontros iniciais com as crianças colaboradoras da pesquisa, permitindo-nos identificar algumas dimensões temáticas, tais como o brincar e a aprendizagem da leitura e escrita, emergidas do que os/as meninos/as disseram sobre si e sobre suas experiências vivenciadas em uma escola de Educação Infantil rural.

Para potencializar o processo das narrativas das crianças, através dos diálogos estabelecidos nas rodas de conversa e nos encontros individuais, no período de agosto a dezembro de 2017, foram suscitados os seguintes questionamentos: quem sou eu; o que é ser criança; o que aprendo na escola; o que gosto de fazer na escola; o que mudaria na minha escola; e o que eu já sei e o que eu gostaria de aprender na escola.

Nas rodas de conversa, foi utilizado um boneco, que representava uma criança, estudante de uma escola localizada em Salvador<sup>3</sup>, que gostaria de saber como era uma escola de infância localizada em um contexto rural e o que as crianças aprendiam nessa instituição educativa. Este encaminhamento teve como inspiração a pesquisa (auto)biográfica com crianças, desenvolvida por Passeggi *et al.* (2014).

Os desenhos infantis, produzidos pelas próprias crianças, também se configuraram como um importante dispositivo metodológico para fomentar as narrativas das crianças concernentes às experiências vivenciadas no cotidiano da escola e também em outros espaços educativos, como a família e a comunidade. Diante das produções gráficas e artísticas das crianças, foi possível estabelecer um diálogo com elas, nas rodas de conversa e nos encontros individuais, sobre suas vivências, buscando apreender em suas narrativas as aprendizagens experienciais construídas na escola pesquisada e em outros espaços educativos.

Nas narrativas das crianças participantes, o brincar se apresentou como uma importante dimensão temática, convergindo com a ideia de que esta atividade, inerente às crianças, promove importantes aprendizagens experienciais. Nesse sentido, as crianças apresentaram em suas narrativas os conhecimentos já construídos em suas trajetórias de vida com base nessa linguagem inerente à cultura infantil, que coloca as crianças no lugar do protagonismo da sua própria infância.

Pesquisadora: O que você mais gosta de fazer quando vem para a escola?

Brunessa<sup>4</sup>: Estudar e brincar!

Pesquisadora: Do que é que você brinca na escola?

Brunessa: De bola e tem vezes do brinquedo que tá lá na escola.

Pesquisadora: Quais são os brinquedos?

Brunessa: É... tem um brinquedo lá e lá na escola tem um de encaixar assim no outro e fazer castelo.

Pesquisadora: Ah, um brinquedo de encaixe, é?

Brunessa: É!

[...]

<sup>3</sup> <sup>4</sup>O boneco foi confeccionado tendo como referência o desenho do filho da pesquisadora que, ao ver a mãe viajando de Salvador para a realização da pesquisa de campo em Serrinha, mostrou curiosidade para saber mais sobre as crianças colaboradoras da pesquisa.

<sup>5</sup>Para preservar a identidade das crianças que colaboraram com a pesquisa, os nomes apresentados no texto são fictícios e foram escolhidos pelas próprias crianças.



Pesquisadora: Que brinquedo você gostaria que tivesse na sua escola?  
Brunessa: Eu gostaria de boneca e mais alguma coisa.  
(Excerto do diálogo narrativo com Brunessa, 6 anos, 2017)

Pesquisadora: E você, gosta de estudar nessa escola?  
João: Gosto!  
Pesquisadora: Por quê?  
João: Porque eu gosto de brincar, de fazer dever, de pintar desenho, brincar com os brinquedos da caixa, brincar de cavalo, boi.  
[...]  
Pesquisadora: Fale aí para mim, uma escola para criança tem que ter o quê?  
João: É, brinquedo.  
Pesquisadora: E o que mais?  
João: É, bola! Brinquedo da caixa, brinquedo de cavalo, brinquedo de boi.  
(Excerto do diálogo narrativo com João, 5 anos, 2017)

E o que mais você gosta de fazer na escola?  
Estrelinha: É, é, é, é brincar.  
Pesquisadora: Brincar de quê?  
Estrelinha: De brinquedo.  
(Excerto do diálogo narrativo com Estrelinha, 5 anos, 2017)

As narrativas mencionam o brincar como uma importante atividade que as crianças desenvolvem na escola, mesmo sem um planejamento sistemático por parte da professora, que disponibiliza poucos brinquedos, como os de encaixe, de letras móveis, de pião e de animais do curral no momento do recreio, após o lanche.

Para as crianças, esses brinquedos, comprados pela própria professora, representam uma oportunidade de brincar de forma contextualizada com sua realidade e de interagir com seus pares.

Pesquisadora: E você gosta de brincar de que na escola?  
Brunessa: De ... do brinquedo que a pró comprou e de correr  
João: Do pião!  
Pesquisadora: E qual é o brinquedo que a pró comprou? Você não lembra o nome, não?  
Crianças: O pião!  
Pesquisadora: E quem comprou foi a pró, foi?  
Crianças: Foi!  
Pesquisadora: E que horas vocês brincam de pião?  
Brunessa: Quando nós acaba (nós acabamos) de lanchar, aí nós brinca (nós brincamos), aí depois tem que brincar dentro da sala. (Excerto da roda de conversa com as crianças, 2017).

Além desses brinquedos citados pelas crianças, as narrativas infantis apresentaram convergência ao se referirem a brincar de bola no campo que fica no entorno da escola. Contudo, brincar de bola, conforme as crianças narraram, é uma atividade que acontece esporadicamente, não fazendo parte do cotidiano vivido por elas no contexto escolar.

Pesquisadora: E aqui na escola tem campo?

João: Tem!

Pesquisadora: E você brinca nesse campo?

João: Brinco! Brinco de bola.

Pesquisadora: Brinca de bola?

João: Lá na diretora é (são) duas bolas.

Pesquisadora: Como é?

João: É (são) duas bolas na diretora. É uma murcha e uma dura.

(Excerto do diálogo narrativo com João, 5 anos, 2017)

Pesquisadora: E aqui na escola, do é que você brinca?

Robin: Eu binco (brinco) de carro, eu binco (brinco) de biquedo (brinquedo) e binco (brinco) de bola.

Pesquisadora: Brinca de bola?

Balançou a cabeça respondendo que sim.

Pesquisadora: A pró deixa brincar de bola?

Robin: É... não! Ela nem deixa bincar (brincar) de nada.

(Excerto do diálogo narrativo com Robin, 5 anos, 2017)

As narrativas das crianças revelam a importância da linguagem do brincar, inerente à cultura infantil, para que as crianças estabeleçam interações com seus pares e expressem seu modo de ser e estar no mundo, tendo em vista, nesse processo, suas subjetividades e a materialidade apresentada em sua realidade sociocultural. Nesta perspectiva, Sarmiento (2003, p.42) afirma que:

[...] a natureza interativa do brincar das crianças constitui-se como um dos primeiros elementos fundacionais das culturas da infância. O brincar é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade. Não espanta, por isso, que o brinquedo acompanhe as crianças nas diversas fases da construção das suas relações sociais. (SARMENTO, 2003, p.42)

Sendo assim, a linguagem do brincar potencializa significativamente a construção de aprendizagens experienciais, pois, através dessa linguagem, as crianças são capazes de compreender sua realidade e agir sobre ela de forma reflexiva. Segundo Pimentel (2007, p.160):

De acordo com a perspectiva de Kolb, o homem é um ser integrado ao meio natural e cultural, capaz de aprender a partir de sua experiência, mais precisamente, da sua reflexão consciente sobre a mesma. Uma pessoa aprende motivada por seus próprios propósitos, isto é, empenha-se deliberadamente na obtenção do aprendizado que lhe faça sentido. (PIMENTEL, 2007, p.160)

É interessante como o brincar potencializa as situações de aprendizagem, possibilita descobertas e permite compreender o mundo e a vida cotidiana, pois a criança explora o mundo interior, descobre elementos externos de si, interage com seus pares, reflete sobre si e sobre sua realidade material e atribui sentidos e significados a suas experiências, o que possibilita, nesta dinâmica, o alcance de

aprendizagens experienciais. As brincadeiras vivenciadas e narradas pelas crianças no contexto escolar revelaram o quanto elas são capazes de compreender a cultura em que estão inseridas, de forma contextualizada à sua realidade, em que a compreensão, a imaginação e a reinvensão são movimentos pertinentes para a construção de aprendizagens respaldadas nas experiências de vida e das interações inter/intrageracionais como explicita a narrativa abaixo:

Pesquisadora: Você brinca de quê?

Rafael: Eu brinco de esconde-esconde, eu brinco de macaquinho, eu brinco de pega-pega, eu brinco de esconde-esconde, eu brinco de coisa.

Pesquisadora: E como são essas brincadeiras, me ensina como é que a gente brinca com essas brincadeiras.

Rafael: Brincadeiras de quê?

Pesquisadora: De esconde-esconde, como é?

Rafael: Um, um, um, o outro vai contar, quando vai um, o outro se esconde, quando o outro vai se esconder, o outro tem que achar.

Pesquisadora: Ah, é?

Rafael: O outro tem que achar e o outro vai contar primeiro. Aí depois alguém se esconda (esconde), aí quando terminar de contar, aí tem que achar.

Pesquisadora: Ah! E com quem você aprendeu a brincar de esconde-esconde?

Rafael: A pró!

Pesquisadora: E você brinca de esconde-esconde com quem?

Rafael: Eu brinco mais os colegas aqui do, do... da escola.

Pesquisadora: E a do macaquinho, como é a brincadeira do macaquinho?

Rafael: Eles fazem uma rodinha e deixa a rodinha fechada, aí que você vai falando umas coisas, aí quando o macaquinho vai coisando.

Pesquisadora: O que é macaquinho coisando?

Rafael: O macaquinho quando vai coisando assim, o macaquinho vem pra frente.

[...]

Rafael: Aí diz: - Macaquinho quer banana?

Ele pula para frente, aí diz:

- Macaquinho quer remédio?

Pesquisadora: Aí ele pula para trás, porque ele não gosta de remédio. É assim? Depois ele entra na roda. Aí na roda, ele faz o que, quando ele está dentro da roda?

Rafael: Quando ele entra na roda, aí ele está cavando, assim as pessoas falam assim:

- Você está cavando o quê?

- Batata.

- Me dá um pedaço?

Aí tem que bater na perna.

[...]

Rafael: Quando ele vai pedir água tem que apertar a mão, se não ele sai, se sai, assim, oh:

-Quero ir lá beber água.

-Na cacimba não tem água.

Pesquisadora: Na cacimba?

Balançou a cabeça respondendo que sim.

Pesquisadora: Você sabe o que é cacimba?

Rafael: Sei?

Pesquisadora: É o quê?

Rafael: É aquele negocinho, que tem a coisa, que tem um tanque embaixo. Não tem um tanque?

Pesquisadora: Sim!

Rafael: Aí tem aquele negocinho de girar, de girar pra(para) suspender a corda e botar o balde dentro, botar pra rodar pra trás, que ele vai descendo, aí depois roda pra frente, que ele vai subindo, aí enche o balde todo de água.

[...]

Pesquisadora: E depois que dizem que na cacimba não tem água, o que é que o macaquinho faz?

Rafael: - Eu quero beber água.

- Na cacimba não tem água

[...]

Pesquisadora: E aí, o que é que o macaquinho faz?

Rafael: Aí depois o macaquinho se solta e quem ele pegar é o macaquinho. (Excerto do diálogo narrativo com Rafael, 4 anos, 2017)

As narrativas infantis apresentadas remetem à reflexão de que pensar em uma educação subsidiada nas experiências das crianças demanda rever nossas concepções de infância, de crianças e de práticas educativas, como mencionado anteriormente. Em se tratando de crianças que vivem em contextos rurais, é relevante ouvir atentamente o que elas têm a dizer sobre seu modo de ser e o modo de viver suas infâncias, tendo-se em vista suas especificidades, a fim de propor situações pedagógicas que se articulem com sua realidade e ampliem significativamente seus conhecimentos. Ampliando tal discussão, Borba (2006, p. 82) afirma que “Ao brincar, a criança não apenas expressa sua experiência e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural”.

Nessa direção, a noção de reprodução interpretativa, desenvolvida por Corsaro (2011), ganha lugar de notoriedade nos estudos sociológicos sobre as crianças e infâncias na medida em que, conforme esse pesquisador, “o termo interpretativo abrange os aspectos inovadores e criativos da participação infantil na sociedade” (CORSARO, 2011, p. 31).

Essa acepção apresentada por Corsaro (2011) concebe as crianças como importantes partícipes sociais, que, pelas relações estabelecidas com seus pares e com os adultos, são capazes de internalizar a cultura existente, como também de promover transformações necessárias segundo suas próprias interpretações sobre as práticas sociais que estão integradas à sua realidade sociocultural. Em outras palavras, a noção de reprodução interpretativa:

[...] exprime a ideia de que as crianças, em sua interação com os adultos, recebem continuamente estímulos para a integração social, sob a forma de crenças e valores, conhecimentos, disposições e pautas de conduta, que, ao invés de serem passivamente incorporados em saberes, comportamentos e atitudes, são transformados, gerando juízos, interpretações e condutas infantis que contribuem para configuração e transformação das formas sociais. Deste modo, não são apenas os adultos que intervêm junto das crianças, mas as crianças também intervêm junto dos adultos. As crianças

não recebem apenas uma cultura constituída que lhes atribui um lugar e papéis sociais, mas operam transformações nessa cultura, seja sob a forma como a interpretam e integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir das suas próprias práticas (SARMENTO, 2008, p. 29).

Considerando a abordagem (auto)biográfica que fundamenta teórico-metodologicamente essa pesquisa, a confluência dessa perspectiva com a noção de reprodução interpretativa, construída por Corsaro (2011), tem potencializado as análises das narrativas das crianças sobre seus modos de ser e viver suas infâncias e sobre suas aprendizagens experienciais. Pode-se dizer que essa pesquisa se insere nos estudos interpretativos por comungar com a seguinte ideia:

As crianças integram uma categoria social, a infância, mas também constroem processos de subjetivação no quadro da construção simbólica dos seus mundos de vida, estabelecendo com os adultos interações que as levam a reproduzir as culturas sociais e recriá-las nas interações de pares (SARMENTO, 2008, p. 31).

As dimensões pessoal e social, presentes na abordagem (auto)biográfica, também têm destaque nos estudos sociais sobre as crianças e suas infâncias na perspectiva da reprodução interpretativa, já que o sujeito social atribui sentido às experiências vividas através das relações que estabelece consigo, com seus pares e também com os adultos que fazem parte do seu cotidiano.

Ao considerar os estudos sociológicos sobre a infância, na perspectiva de reprodução interpretativa, algumas categorias precisam ser compreendidas, a saber: relação intra/intergeracional, protagonismo e culturas infantis e cultura de pares. Assim, a compreensão de tais categorias contribui para que as escolhas teórico-metodológicas de pesquisas sobre/com crianças estejam convergentes com a ideia de criança autora do seu próprio processo de formação sociocultural, em que as dimensões pessoais e coletivas, presentes em suas histórias de vida, precisam ser consideradas nos processos investigativo-formativos em que as crianças estão envolvidas.

Nesse sentido, sobre o que aprendem na escola, um dos eixos analíticos desta pesquisa, as crianças apresentaram narrativas convergentes, centralizadas em aprendizagens vinculadas ao processo de leitura e escrita.

Pesquisadora: E criança também estuda?

Brunessa: Estuda!

Pesquisadora: E por que será que criança também estuda?

Brunessa: Pra aprender a ler.

Pesquisadora: E por que a gente aprende a ler?

Brunessa: Porque fica na escola.

Pesquisadora: E para que a gente aprende a ler?

Brunessa: É pra, pra, não ficar burro.

Pesquisadora: E o que é ficar burro?  
Brunessa: Não saber nada.  
(Excerto do diálogo narrativo com Brunessa, 6 anos, 2017)

Pesquisadora: O que é que você aprende aqui?  
Estrelinha: É, escrever! A pró passa dever pra eu fazer, aí mainha não pega na mão, aí mainha fala e eu boto.  
Pesquisadora: A mamãe não precisa segurar na sua mão para você escrever. Entendi!  
Estrelinha: Um dia que a pró botou letra difícil, eu fiz. (Falou toda entusiasmada).  
Pesquisadora: O que é letra difícil? Fale para mim o que é letra difícil?  
Estrelinha: Letra difícil é porque a pessoa não sabe.  
(Excerto do diálogo narrativo com Estrelinha, 6 anos, 2017)

As crianças, ao narrarem sobre o que fazem na escola, estabelecem articulações com as diferentes perspectivas de Educação Infantil, revelando que a instituição escolar assume o papel de propiciar momentos de prazer, mesmo que em um tempo restrito e sem nenhum planejamento sistemático para o desenvolvimento de brincadeiras, mas, prioritariamente, assume o papel de socializar as crianças para atender às demandas da sociedade, em que a aprendizagem da leitura e da escrita é imprescindível para que as crianças se preparem para responder às exigências impostas no Ensino Fundamental. As narrativas infantis apresentadas revelaram que, geralmente, as propostas pedagógicas relacionadas à leitura e à escrita vêm invisibilizando o contexto da criança e a função social da aprendizagem dessas linguagens. Pelas narrativas das crianças, constata-se que as atividades desenvolvidas no contexto escolar, de um modo geral, apresentam caráter mecânico e de reprodução dos conteúdos propostos:

Pesquisadora: [...] Criança estuda?  
Estrelinha: Estuda!  
Pesquisadora: E por que criança tem que estudar? Você sabe dizer?  
Estrelinha: Pra (Para) aprender.  
Pesquisadora: Aprender o quê?  
Estrelinha: As letras.  
Pesquisadora: E por que a gente aprende as letras?  
Estrelinha: Porque faz no quadro.  
Pesquisadora: Faz o quê?  
Estrelinha: No quadro que mamãe ensina.  
Pesquisadora: No quadro que a mamãe ensina?  
Estrelinha: É! A pró faz no quadro e aí nós faz (nós fazemos) no dever.  
Pesquisadora: A pró vai ao quadro, e vocês olham e copiam no caderno?  
Estrelinha: Na folha.  
Pesquisadora: Na folha?  
Pesquisadora: A pró escreve e vocês fazem igual como a pró faz no quadro?  
Estrelinha: Sim!  
Pesquisadora: E quando a pró escreve, vocês sabem qual é a palavra que a pró está escrevendo?  
Balançou a cabeça respondendo que não.  
Pesquisadora: Não?  
Estrelinha: Não!

Pesquisadora: Não sabe não? Você só faz copiar, mas não sabe qual é a palavra?

Estrelinha: Não!

(Excerto do diálogo narrativo com Estrelinha, 6 anos, 2017)

Pesquisadora: [...] E você gosta de vir para a escola?

Rafael: Gosto!

Pesquisadora: Por que você gosta de vir para a escola?

Rafael: Pra estudar, aprender a estudar e fazer um bocado de coisa. Estudar, aprender a ler, aprender a contar, aprender a fazer dever e também aprender a cantar.

(Excerto do diálogo narrativo com Rafael, 4 anos, 2017)

Pesquisadora: E você disse que gosta de brincar de escolinha. E por que você gosta de brincar de escolinha?

Brunessa: E porque eu gosto muito de estudar (Deu ênfase à palavra muito). Porque aprende a ler.

Pesquisadora: E você já sabe ler?

Brunessa: Não, mas eu vou aprender. Eu só sei as vogais.

Pesquisadora: Só sabe as vogais?

Brunessa: É!

Pesquisadora: Mas alguma palavra você já sabe ler?

Brunessa: Eu só sei bola... (pausa para pensar) Uva! Bola, nova e uva.

(Excerto do diálogo narrativo com Brunessa, 6 anos, 2017)

Essas narrativas revelam que muitas práticas da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental proporcionam atividades descontextualizadas da vida dos sujeitos aprendentes. No currículo das instituições educativas, localizadas em contextos rurais, as práticas educativas, os modos de vida das crianças, a maneira de interagir com seus pares, as brincadeiras e brinquedos compartilhados em seu cotidiano precisam ser considerados nas propostas pedagógicas destinadas à Educação Infantil, nos diferentes contextos rurais: caiçaras, ribeirinhas, quilombolas, campesinos. Isso significa dizer que a participação das crianças na sociedade de que fazem parte é algo emergente, assim, pesquisas e práticas educativas devem estar centralizadas na perspectiva de que esses sujeitos sociais sejam capazes de tecer interpretações acerca do mundo e da realidade sociocultural materializada em seu cotidiano.

Tendo como referência as narrativas infantis, as práticas educativas empreendidas no cotidiano das escolas rurais precisam estar subsidiadas em uma concepção de que as crianças têm saberes adquiridos em sua trajetória de vida, nas relações estabelecidas com outras crianças e adultos, em diferentes contextos socioculturais, sejam eles familiares, comunitários ou escolares. Esse modo de conceber a criança possibilitará uma escuta mais aguçada sobre seus desejos e perspectivas em relação à sua vida e ao seu processo de escolarização, que, de forma articulada aos conhecimentos construídos pela humanidade, poderá direcionar ações educativas mais significativas.

Desse modo, o que dizem as crianças sobre os modos como vivem suas infâncias e sobre suas aprendizagens, construídas no contexto familiar, comunitário e escolar, tenciona fecundos debates sobre as concepções de infância, que influenciam as práticas educativas destinadas aos/às meninos/as de escolas públicas de Educação Infantil, localizadas nas diversas ruralidades existentes no Brasil.

## ALGUNS APONTAMENTOS (IN)CONCLUSIVOS

Pensar na criança e como ela vive sua infância na contemporaneidade exige ressignificações concernentes às concepções construídas sobre esse sujeito, que pertence a uma categoria geracional específica, presentes na história da infância em nossa sociedade ocidental.

Compreender as infâncias na contemporaneidade significa pensar em fundamentos teórico-metodológicos pautados na visão de que o sujeito é capaz de se reinventar constantemente, em uma dinâmica relação com o contexto histórico, social, cultural e subjetivo. Dessa forma, a compreensão das concepções contemporâneas de infâncias demanda romper com os cânones da modernidade, que busca a generalização dos conceitos, que, no caso específico da infância, se configurou/configura como algo natural e abstrato.

Pesquisar narrativas infantis, tendo em vista o que dizem as crianças sobre suas aprendizagens experienciais nos diferentes contextos educativos em que suas práticas sociais se inserem, especialmente na escola rural, pressupõe reconhecer a importância da realidade sociocultural dessas crianças para refletir sobre o que é ser criança, sobre as diferentes infâncias e sobre as aprendizagens experienciais vivenciadas no cotidiano escolar rural.

Conceber a criança na perspectiva sociocultural demanda uma mudança de atitude por parte dos educadores e dos pesquisadores de crianças, constituindo, dessa forma, novas possibilidades para os estudos sobre as infâncias e a educação na contemporaneidade.

Revisitar e assumir novas posturas de investigação sobre crianças pequenas, em que estes sujeitos são considerados atores ativos, construtores de cultura, cidadãos de direito e com perspectivas próprias, implica rompimento com a visão de infância passiva perante as determinações sociais como urgente e possível, ainda que as crianças sejam interdependentes dos adultos, ou de grupos sociais e do Estado, possibilitando outros e novos olhares sobre o pensar e fazer pesquisas com as crianças. Assim, as crianças poderão ser vistas como sujeitos que são socializados, mas que também se socializam, sendo capazes de transformar sua própria realidade.



Isso significa dizer que as crianças, ao serem passíveis à socialização imposta pela sociedade, especialmente pela educação escolar, ficam na condição de invisibilidade, à margem do discurso sociológico. Diante disso, é singular e emergente, nos processos de investigação-formação envolvendo crianças, ressignificar a concepção determinista de socialização de crianças, vinculada tradicionalmente pela Sociologia, bem como construir ações formativas que respeitem as histórias, aprendizagens e modos como as crianças narram suas histórias e suas aprendizagens ao longo da vida.

## NOTAS EXPLICATIVAS

O texto vincula-se à ação da pesquisa “Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), no âmbito do Edital 028/2012 – Práticas Pedagógicas Inovadoras em Escolas Públicas e do MCTI/CNPq, Chamada Universal nº. 14/2014. A entrada aqui apresentada é um recorte do estudo ‘*Narrativas de crianças de Educação Infantil de escola rural multisseriada do Território do Sisal*’, centrando-se na análise das narrativas de crianças de escolas rurais sobre suas infâncias e aprendizagens construídas no espaço escolar, familiar e da comunidade onde vivem.

## REFERÊNCIAS

BORBA, Angela Meyer. As culturas da infância no contexto da Educação Infantil. *In*: VASCONCELLOS, Tânia de. **Reflexões sobre infância e cultura**. Niterói: EdUFF, 2008, p. 73-91.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DE CONTI, Luciane; PASSEGI, Maria Conceição. Reflexões metodológicas sobre a pesquisa com crianças. *In*: MIGNOT, Ana Crystina; SAMPAIO, Carmen Sanches; PASSEGI, Maria Conceição. **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba: CRV, 2014, p. 149-159.

PASSEGGI, Maria Conceição. Nada para a criança, sem a criança. O reconhecimento de sua palavra para pesquisa (auto)biográfica. *In*: MIGNOT; Ana Crystina; SAMPAIO; Carmen Sanches; PASSEGGI, Maria Conceição. **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba, PR: CRV, 2014, p. 134-148.

PASSEGGI, Maria da Conceição *et al.* Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br>. Acessado em 09/03/2015.

PIMENTEL, Alessandra. A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.12, n. 2, p.159-168, ago., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acessado em 14/05/2018

ROCHA, Simone Maria da; PASSEGGI, Maria da Conceição. O que contam as crianças sobre as escolas da infância - as classes hospitalares em destaque. In: XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 6ª, 2012, Campinas. **Anais: XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas, 2012, p.13- 25.**

SARMENTO, Manuel. Sociologia da Infância: correntes confluências. In: SARMENTO, Manoel Jacinto e GOUVEIA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: vozes, 2008, p.17-39.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003, p. 32-45.

SOUZA, E. C. (Coord.). **Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem**. Projeto apresentado ao MCTI/CNPq, Chamada Universal nº. 14/2014. Salvador: UNEB; CNPq, 2014.

SOUZA, E. C. (Coord.). **As políticas de educação e a reestruturação da profissão docente confrontadas aos desafios da globalização**. Projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), no âmbito do Edital 04/2015 – Cooperação Internacional, TO nº INT0014/2016. Salvador: UNEB; FAPESB, 2016.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

## SOBRE OS AUTORES:

PATRÍCIA JÚLIA SOUZA COELHO. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC-UNEB). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

Membro do Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO/ UNEB) e pesquisadora vinculada ao projeto "Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem" (Fapesb). Professora Assistente da UNEB (Universidade do Estado da Bahia), Campus XI. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0299-1448>

ELIZEU CLEMENTINO DE SOUZA. Pesquisador 1C CNPq. Bolsista Capes Estágio Sênior. Doutor em Educação pela UFBA. Pós-doutor em Educação pela Universidade de Paris 13-França e pela Universidade de São Paulo. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC-UNEB). Coordenador do GRAFHO (Grupo de Pesquisa (Auto) biografia, Formação e História Oral). Pesquisador associado do Laboratoire EXPERICE (Université de Paris 13- Paris 8). Tesoureiro da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOgraph). Membro do Conselho de Administração da Association Internationale des Histoires de Vie en Formation et de La Recherche Biographique en Éducation (ASIHIVIF-RBE). Coordenador do Projeto: "Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem" (CNPq e Fapesb) e da pesquisa e "As políticas de educação e a reestruturação da profissão docente confrontadas aos desafios da globalização" (Fapesb). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4145-1460>

RECEBIDO: 28/02/2019.

APROVADO: 08/03/2019.